

O cão que morde por dentro

A partir da lição de Drummond em *Claro enigma*, Carlito Azevedo e Eduardo Sterzi mostram em dois livros a força da poesia contemporânea brasileira

Gustavo Petizzon/Agência O Globo - 23/12/09



Em *Monodrama*, Carlito Azevedo busca a libertação das amarras do verso, com poemas que herdam a densidade narrativa da prosa

Poemas selecionados

Eduardo Sterzi
17h36

A tarde é ouro falso vazando para o quarto O sangue das coberturas, coagulado, não veda as janelas. Dormir, ainda que por um triz, adianta o morrer; peixe arpoado pela luz

■ ■ ■

Carlito Azevedo

O anjo boxeador

O primeiro a me dar os pésames berrou: "Quando eu não tinha esta perna mecânica eu não sonhava com balsas atravessando o rio". O segundo a me esbofetear sussurrou:

"Meus filhos sempre imaginam, quando chego em casa do trabalho na loja de malhas, que eu trouxe secretamente mais um filho para casa, e passaram boa parte de seu tempo livre procurando por esses irmãos que eu, por misteriosa razão, estaria protegendo de sua insidiosa e violenta". O terceiro era um cão esquarterado jogado à minha porta, com uma medonha carolina cor-de-rosa no pescoço onde se podia ler: "Feliz aniversário". Sem olhar para trás, pude imaginar minha mãe e meus amigos chorando escondidos, atrás da cortina.

irônico. Não haverá tom pejorativo quando um crítico disser que estes são versos de um cão, latidos e não escritos, pois é o próprio poeta quem fala do "desejo cão que late/ a noite inteira no pátio." Fiquemos com essa imagem do cão, a desassossegada nossa humanidade. Fiquemos com ela e, ao lermos *Aleijão*, lembraremos de João Cabral, Augusto dos Anjos ou o Ferreira Gullar de "A luta corporal", pois esses são também poetas de aleijões.

Livro político

Monodrama marca o retorno ao livro (após 13 anos sem publicar) de um daqueles que certamente será lembrado como um dos poetas clássicos do entresséculo. Por clássico entenda-se aquele que não será permitido esquecer quando a historiografia debruçar-se sobre o período. Profundo conhecedor de poesia e imerso lucidamente em seu tempo, o carioca Carlito Azevedo dá ao leitor um livro de poemas digno de ombrear com o *Elefante* de Chico Alvim, como um dos melhores da década. Trata-se de obra madura, organizada sobre um sentimento lírico denso e difícil — vemos ali, em cada linha, o ser humano diante da perda, e da surda violência da política. Não por acaso já se disse que este é o livro mais político de Carlito. Quem lê político, entretanto, não deverá ler panfletário ou partidário. Político aqui quer dizer algo sobre a consciência que a poesia é capaz de exibir: a da condição de coisa do indivíduo, esmagado pelas estruturas do sistema capitalista e da modernidade. *Monodrama* é um grito desencajado sobre a possibilidade de cantar algo humano nesta altura da história. Ao mesmo tempo, é utopia, pois o canto de Carlito se realiza, dando as mãos à prosa. Da prosa Carlito buscará, em *Monodrama*, primeiramente, a libertação das amarras do verso. São inúmeros os bons poemas em prosa do livro, tais como os que compõem a série "H.", que é dedicada à experiência da convivência com doença e a morte da mãe. Da prosa Carlito busca também a densidade narrativa, que adere à densidade do sentimento da individualidade que fala no poema. Daí aparecerem nos poemas diálogos, pequenas cenas, personagens inquietos, incomodados, estrangeiramente oblíquos no mundo irregular que tentam entender ou pelo menos descrever. Surge então (como fora em Sterzi a do cão) uma outra imagem emblemática: a do "anjo boxeador". Um personagem no melhor estilo *gauche*, tal como aparece em "Café": "O anjo boxeador senta-se no café do aeroporto e é como se caísse numa cratera do tempo." Esse é o personagem que comanda a nossa viagem ao avesso do sonho da globalização — a sua íntima verdade. Esse anjo boxeador lírico nos leva a duvidar da nitidez das promessas do sistema: "Nihil-dez é um caso dessa luz/ seu perigo é/ seu desmoronar." Esse sentido é emblemático o poema "O anjo boxeador tenta descrever uma cena". Nele essa voz torta, chama-nos à cumplicidade para comunicar a melancolia do impossível.

São, pois, dois livros que revigram a poesia brasileira. Sim, ela vai bem, obrigado. Fez um pacto maduro com a negatividade, a considerar esses dois bons conjuntos de versos. Ela caminha o seu destino de "Nem procurar, nem achar: só perder", como diz Carlito em *Monodrama*. E, sendo poesia, ainda é, sim, algo digno de temer, pois pode fazer o leitor encontrar-se consigo mesmo, face a face com seus mais terríveis pesadelos. Mas não estamos desavisados, pois Sterzi alerta em tom de epígrafe no *Aleijão*: "Cuidado ao cão/ que morde por dentro".

Alexandre Pilati é professor de literatura brasileira da UNB e crítico literário, autor de *A nação drummondiana* (7 Letras), entre outros

Editor: Carlos Marcelo
pensar.df@dabr.com.br
Tel. 3214-1176 • Fax 3214-1194

L2



LIVROS&LEITURAS CULTURAIS • CARLOS MARCELO // carlosmarcelo.df@dabr.com.br

Primeira classe

Poesia e diplomacia. Na mente, de imediato: o pernambucano João Cabral de Melo Neto, o nosso Chico Alvim... e o carioca Vinícius de Moraes (foto). O poeitinha voltou à baila com a aprovação na última terça na Câmara dos Deputados do projeto de lei que o promoveu ao cargo de ministro de primeira classe no Itamaraty. Ele ingressou na carreira diplomática em 1943; foi exonerado do cargo de primeiro-secretário pela ditadura militar em 1969. Serviu em Los Angeles, Paris e Montevideú. "Diplomata é um ser de gravata", costumava dizer Vinícius, logo ele que dizia detestar "tudo que me aperta, tudo que me tolhe os movimentos". Aperto no corpo, aperto na alma. Na capital uruguaia, em 1959, escreveu ao menos um soneto precioso:

*Não te rias de mim, que as minhas lágrimas
São águas para as flores que plantei
No meu ser infeliz, e isso lhe baste
Para querer-te sempre mais e mais.*

*Não te esqueças de mim, que desvendaste
A calma ao meu olhar erno de paz
Nem te ausentes de mim quando se gaste
Em ti esse carinho em que te esvasi.*

*Não me oculte jamais teu rosto; dize-me
Sempre esse manso adeus de quem aguarda
Um novo manso adeus que nunca tarda*

*Ao amante dulcíssimo que fiz-me
À tua pura imagem, ó anjo da guarda
Que não das tempo a que a distância cisma.
(Soneto de Montevideú, 1959)*

Idas e vindas aumentavam em Vinícius a saudade da "pátria minha", imortalizada em um de seus poemas mais conhecidos. A cada volta, se empanturrava de Brasil. As vezes, literalmente. Como descreveu na crônica "Minha terra tem palmeiras...", incluída na caprichada reedição da Companhia das Letras de *Para uma menina com uma flor*: "Estou de volta à minha terra, respiro a brisa marinha que me afaga a pele, seu aroma vem da infância. Retomo o diálogo com minha gente (...). Sinto borboletas no estômago, deve ter sido o tutu com torresmo de ontem misturado ao camarão à baiana de anteontem misturado à galinha ao molho pardo de trasantontem misturada aos quindins, papos de anjo, doces de coco do primeiro dia. Digiro o Brasil".

Poucos dias antes de voltar ao país, após cinco anos como vice-cônsul em Los Angeles, Vinícius escreveu um de seus poemas mais espirituosos, dirigido a "um americano, simpático, extrovertido e podre de rico" que questionava sua decisão de regressar, mesmo com o direito de permanecer mais um ano em solo ianque. Em "Olhe aqui, Mr. Buster", de forma nada diplomática, Vinícius critica as contradições americanas ("Está muito certo que em ambas as residências/O sr. tenha geladeiras gigantescas capazes de conservar o seu preconceito racial...") antes do desfecho terno e ufanista no qual enaltece as joias brasileiras — entre elas (para evocar Camus) a única questão filosófica séria do futebol mundial: (...)

*Mas me diga uma coisa, Mr. Buster
Me diga sinceramente uma coisa, Mr. Buster
O sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha?
O sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal?
O sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?*



Monodrama
De Carlito Azevedo. 7Letras,
156 páginas. R\$ 39.



Aleijão
De Eduardo Sterzi. 7Letras,
160 páginas. R\$ 29.

Teatro completo reúne obra de Nikolai Gógol e comprova que, com humor e argúcia, o russo soube como ninguém refletir a sociedade de seu tempo

No espelho do inspetor

» THIAGO LINS
ESPECIAL PARA O CORREIO

Em 1993, pouco antes de sua morte, o grande estudioso de semiótica Yuri Lotman inicia seu último artigo com a seguinte frase: Gógol era um mentiroso. O texto foi uma encomenda feita por um eslavista americano, que preparava então uma coletânea de artigos sobre o escritor. Lotman, propondo-se a decifrar o que chamava de "mistério de Gógol", analisava a singular personalidade do autor que tinha por costume: entre outros hábitos excêntricos; su-

mir e sentir sobre o pró-prio paradeiro. A obra de Nikolai Gógol (1809-1852), no entanto, é reconhecida pela veraz e poderosa crítica que faz à sociedade russa. A epígrafe de *O inspetor geral* — peça teatral mais conhecida do escritor e que abre este *Teatro completo* — conduz muito bem toda a sua investigação. A obra de Nikolai Gógol (1809-1852), no entanto, é reconhecida pela veraz e poderosa crítica que faz à sociedade russa. A epígrafe de *O inspetor geral* — peça teatral mais conhecida do escritor e que abre este *Teatro completo* — conduz muito bem toda a sua investigação. A obra de Nikolai Gógol (1809-1852), no entanto, é reconhecida pela veraz e poderosa crítica que faz à sociedade russa. A epígrafe de *O inspetor geral* — peça teatral mais conhecida do escritor e que abre este *Teatro completo* — conduz muito bem toda a sua investigação.



Teatro completo
De Nikolai Gógol. Tradução de Arlete Cavaliere. Editora 34,
408 páginas. R\$ 52.

prefeito e os altos-funcionários de uma provinciana cidade russa aguardam com temor a chegada de um inspetor do governo. Khlestakov, um vigarista funcionário de Petesburgo chega à cidade e depois de aplicar alguns golpes em um hotel é tido como o tal funcionário. Segue-se então toda a sorte de trameios onde Khlestakov vale-se do rabo preso do alto escalão para apropriar-se de todo dinheiro que pode antes de fugir para Petesburgo. Desfeito o engano, o prefeito desespera-se com o acontecido e, numa cena que certamente causaria o autorreconhecimento da plateia, chega à conclusão de que estavam rindo de si mesmos. A peça de Gógol seria então como o espelho de sua epígrafe, mostrando à sociedade russa da época que ela possuía a cara torta.

Bem como em seu magistral poema-romance *Almas mortas* (publicado no Brasil pela editora Perspectiva), no qual a ação também se situa nos confins do país, o autor apresenta ao público russo uma imagem de si mesmo como nunca tinham visto antes. A sátira, que o

escritor leva até o limite do grotesco e do absurdo (lembrando muito o teatro de vanguarda do século 20), causou um grande choque no público. Os liberais consideravam que o teor cômico que Gógol imprimia em sua literatura era um fiel retrato da realidade em que se vivia — o regime do czar Nicolau I. Já os conservadores enxergaram na peça uma propaganda perigosa contra o governo e uma difamação.

Autodefesa

Gógol, que já havia atuado em adaptações de peças de Molière em sua juventude, vale-se do mesmo artifício do mestre francês e escreve uma espécie de autodefesa ao estilo de *Crítica à escola de mulheres*. A comédia em um ato *A saída do teatro depois da representação de uma nova comédia* mostra os espectadores, à espera de suas caruagens, trocando impressões sobre a peça enquanto o autor, incógnito, assiste a tudo. Quatro anos depois, em 1846, é ainda mais incisivo e escreve o *Desenlace de O inspetor geral*, em que explica por meio de atores que estariam encenando a peça que a figura do Inspetor (e não do transbiqueiro Khlestakov) seria como a consciência de cada um, o povo russo deveria encaminhar-se para o bem por meio do riso, que seria o chicote que expulsaria os "oportunistas espirituais" e

"QUANTO MAIS AMEAÇADA SE SENTIR, TANTO MAIS A ELITE RECORRERÁ A MEIOS ILEGAIS E À CORRUPÇÃO PARA SE MANTER NO PODER"

GIANFRANCO PASQUINO, NO VERBETE "CORRUPÇÃO", DA RECÉM-LANÇADA 13ª EDIÇÃO DO DICIONÁRIO DE POLÍTICA (EDITORA UNB)

» 5 perguntas para...

Calvin Tomkins

Biógrafo de Duchamp e repórter da New Yorker, Calvin Tomkins reuniu em As vidas dos artistas 10 perfis de nomes badalados da arte contemporânea — entre eles Damien Hirst, Jeff Koons, Julian Schnabel, Jasper Johns e Cindy Sherman. Nahima Maciel entrevistou o autor do livro, lançado no Brasil pela editora Bei:

Como e por que você escolheu escrever especificamente sobre estes artistas?

Escrevo sobre artistas cujo trabalho me excita e com os quais sinto que posso trabalhar num nível muito pessoal. O processo é sempre uma colaboração. Alguns artistas de primeira linha acham isso incômodo e intrusivo, então não escrevo sobre eles.

Como você encara a herança de Marcel Duchamp na obra de artistas como Hirst e Koons? Eles estariam mesmo repetindo ideias que um dia foram vanguarda?

Quase todos os artistas sobre os quais escrevi citam Marcel Duchamp como uma influência primordial, mesmo que alguns deles saibam apenas superficialmente o que Duchamp fez. Ele é, inquestionavelmente, o artista de maior influência em todas as tendências e direções que a

BEI/Reprodução



arte tomou nos tempos de hoje. Os trabalhos de Damien Hirst, Jeff Koons, e certamente Andy Warhol jamais seriam possíveis sem Duchamp.

Quais são as ideias mais relevantes na arte contemporânea?

A parte toda a ideia conceitual que é a base da arte conceitual, não vejo nenhuma tendência dominante ou ideias que me pareçam especialmente relevantes. Muitos trabalhos atuais têm fortes elementos performáticos e a fusão de disciplinas diferentes — música, moda, filme, vídeo, instalação — sugere um movimento em direção à impureza, à multiforme e à arte impermanente que vai produzir poucas obras primas, mas uma delas pode chegar a envolver o espectador de muitas maneiras diferentes.

Nos dias de hoje, a liberdade pode ser um problema para a arte?

Sim, é um grande problema. Os artistas mais interessantes resolvem isso impondo suas próprias restrições e depois mergulhando nelas. Matthew Barney é um mestre nisso.

Carnaval do contra

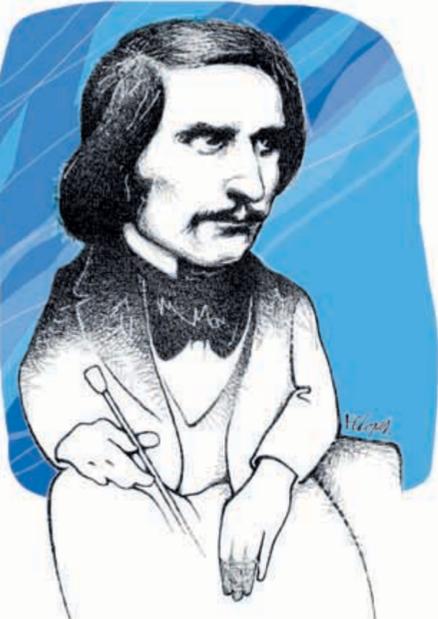
A procura de sons diferentes do "aé, aé, ei, ó, ó, ó" ou do "laia, laia?" Tente *Contra*, do Vampire Weekend. Dois anos depois do álbum de estreia, a banda nova-iorquina consegue amalgamar suas principais influências — indie rock e música africana — com outros ritmos e engendrar um disco deliciosamente coeso, costurado pela voz acolchoada de Ezra Koenig. Pintou um Talking Heads para o século 21.

ONTEM, HOJE E SEMPRE

POR KLEBER MENDONÇA FILHO, CRÍTICO E CINEASTA



Os dublenses é meu livro afetivo. Tem tantas coisas lidas ali, em particular a parte dos mortos, uma meditação sobre a forma como o impacto das pessoas que já foram tem nos que ainda estão vivos e como é possível alguém já morto ter tanta força na vida de quem ficou. O último livro que li foi antes do processo de finalização do (curta-metragem premiado no festival de Brasília) Recife frio: Roteiro para construir no Nordeste, de Armando de Holanda. É simplesmente fascinante: em linhas gerais, ensina como construir o Nordeste brasileiro levando em consideração a temperatura e a cultura. Tudo o que ele fala soa tremendamente utópico hoje já que as cidades estão cada vez mais desumanas, feias e construídas para cima.



as paixões mais mesquinhas: "Vamos lhe dizer orgulhosamente: Sim, estamos rindo de nós mesmos, porque sentimos a nossa nobre natureza russa, porque ouvimos uma ordem superior para sermos melhores do que os outros".

A presente edição contempla ainda *Os jogadores* e *O casamento*, duas excelentes peças repletas dos tipos vigaristas

tao comuns na literatura do escritor. Excelente oportunidade para entrar em contato com uma genial obra que recebe os ecos de Voltaire e Molière e que reverberará em vanguardistas como Meyerhold e Maikóvski. Como bem disse Boris Schnaiderman em seu prefácio a *Almas mortas*: "Não tenhamos dúvida: os poetas têm sempre razão".